



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Biológicas
Departamento de Ecologia e Zoologia
Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

QUINTAIS DO SERTÃO DO RIBEIRÃO: AGROBIODIVERSIDADE SOB UM ENFOQUE ETNOBOTÂNICO.

Monografia apresentada como exigência
para obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Biológicas, no Centro de
Ciências Biológicas da Universidade
Federal de Santa Catarina, disciplina:
BIO5156.

Orientadora: Natalia Hanazaki
Co-orientador: Nivaldo Peroni

Victória Duarte Lacerda

Florianópolis, 2008.

*A ciência pode classificar e nomear os
órgãos de um sabiá mas não pode medir
seus encantos. A ciência não pode calcular
quantos cavalos de força existem nos
encantos de um sabiá. Quem acumula
muita informação perde o condão de
adivinhar: divinare. Os sabiás divinam.*

Manoel de Barros

Agradecimentos:

*Que bom que consegui chegar nessa parte, parecia que nunca ia conseguir...
Bem, esses agradecimentos não são apenas para aqueles que tornaram esse trabalho possível, mas para todos que acreditaram em mim e que contribuíram pra a formação do que eu sou hoje.*

Em primeiro lugar agradeço a Deus em todas as suas formas e crenças (Pai, Oxalá, Jah, Tupã, Alá, Natureza, Seleção Natural...).

Minha mãe, fofinha, por sempre confiar em mim, apesar de eu achar que eu não daria tanta trela pra minha filha...

Ao meu pai, por tudo.

Aos meus orientadores Natalia, que me atura há um tempão, sempre com sua sabia paciência oriental e ao Nivaldo, pela oportunidade e pela estatística. Valeu mesmo!

À todos os moradores do Sertão, ou como eles mesmo dizem, Barreira do Ribeirão, por sempre me receberem com um sorriso amigável no rosto, por me confiarem seus conhecimentos e pela oportunidade de conhecer um lugar muito especial. Graças a vocês que esse trabalho existe.

Às fontes financiadoras do projeto, CNPq e PIBIC, por me proporcionarem um ano recebendo dindin.

Muito obrigada a todos que me acompanharam na coleta de dados e compartilharam momentos agradabilíssimos, às vezes regados a um bom banho de cachoeira. Aí vai o meu mais sincero agradecimento: Aninha (quem começou tudo), Mari (quem acreditou no projeto), Tati (minha linda panelinha), Totonho (amigo do Rio que aproveitou uma visita pra ajudar na coleta de dados e

conhecer a cachoeira) e Melzita (pela iniciativa de fazer o retorno dos resultados).

Um agradecimento especial ao pessoal dos transportes e ao seu Paulo, por tornarem as saídas possíveis e mais engraçadas.

À Moniquinha, por tudo, e por ler meu TCC e corrigir com graaaaande paciência. Ah, pela Bahia também!!!! Valeu negona.

Muito obrigada também à Elisa Gandolfo Martins e Elaine Zuchiwschi, por aceitarem participar da banca do meu TCC.

Obrigada a todos os colegas e amigos do curso de Ciências Biológicas da UFSC.

À turma que entrou na faculdade comigo, 2003.2 (malhação e seqüelas).

Aos grandes amigos que fiz nessas minhas caminhadas biológicas pelo mundo afora. Aos amigos não biológicos, mas que sempre compartilharam comigo os sonhos de ver um mundo melhor. Não vou citar nomes porque não quero ser injusta com nenhum.

Um agradecimento bem especial à todos ENEBs que pude ir, e aos grande amigos que fiz nesses encontros, Bahia, Rio de Janeiro, Sergipe e Rio Grande do Sul. Novamente não me atreverei a citar nomes pelo mesmo motivo.

Aos meus irmãos Dubeto e Zeca pelas brigas e reconciliações.

Aos professores que tornaram o curso agradável, principalmente quando estava desacreditada. Muito obrigada Paulo Simões, pelo respeito com todos os alunos, ao Paulo Hofmann, por ser um educador antes de tudo, ao Daniel Falkenberg pela melhor disciplina da faculdade, ao Edmundo e Carlos Pinto. Pela segunda melhor disciplina, Parasitologia, que apesar de nojenta era instigante; à Carol Zabendzala, por amar a educação e tentar passar isso pros alunos, ao Leandro Belinaso, pelas discussões em sala; não poderia deixar de falar da Marg, por

tornar a biologia celular algo compreensível e à Verinha, por ser a Verinha!!!

Ao Professor Ulysses Paulino Albuquerque, pela oportunidade de estágio com plantas da caatinga, e assim aprofundar meu conhecimento em etnobotânica.

Aos colegas de laboratório em Recife, os leanos!!! É saudade boa...

Aos colegas de laboratório, aos tantos cafés e chazinhos tomados á tarde, pelas conversas e tudo mais. Valeu: Marinete, Zique, Sarinha, Débora, Aninha, Elisa,

Flávia, Mel, Mari Giralddi, Mari Gomes, Ph, Leo, Thiaguinho...

Aos bares do entorno da UFSC, por tornarem esses 5 anos e meio um pouquinho mais agradável, e aos amigos que compartilharam muitas vezes esses momentos, especialmente Tati e Marinete, companheirassas de uma cervejinha no meio da

tarde. Tá bom, Aline e Cecil (mainha) também. Valeu Bar da Nina (elerê), Cats,

IEGA, Pida, Kanalu, aos extintos Tritão, Pepa e Cantina Italiana.

Ah, valeu Cidão (Alcir), por sempre ajudar à todos os alunos e ser um ótimo coordenador. À Sonia também, chego ao final da faculdade feliz com a direção do curso, que parece que finalmente está em plena comunhão com os alunos.

A todos que puderam contribuir de alguma maneira pelo que sou hoje.

Sumário	
Lista de Figuras	01
Lista de Tabelas	03
Resumo	04
1. Introdução	05
2. Objetivos	09
2.1. Objetivo geral	09
2.2. Objetivos específicos	09
3. Área de Estudo	10
3.1. Parque Municipal da Lagoa do Peri	10
3.2. Sertão do Ribeirão da Ilha	11
4. Metodologia	14
4.1. Coleta de dados	14
4.2. Análise dos dados	16
4.3. Retorno de resultados	16
5. Resultados e Discussão	18
5.1. Perfil Sócio-econômico	18
5.2. Uso das plantas e Diversidade	20
5.3. Listagem livre das plantas	33
5.4. Plantas cultivadas e espontâneas	34
5.5. Forma de obtenção das plantas	35
5.6. Retorno de resultados	36
6. Considerações Finais	41
7. Referências	43
Anexos	48
Termo de Consentimento prévio e esclarecido	49
Questionário Sócio-econômico.....	51
Inventário das plantas de quintais	52
Folder	53
Cartilha	54
Ilustrações das espécies mais representativas	55

Lista de figuras:

- 1** Localização do Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, SC (Fonte: Teive *et al.*, 2008).
- 2** Comunidade do Sertão do Ribeirão (Foto: Mariana Giraldi).
- 3** Entrevista no quintal, Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC (Foto: Mariana Giraldi).
- 4** Renda familiar em reais (R\$) de 19 entrevistados do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 5** Idade dos 20 entrevistados do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 6** Responsável por cuidar do quintal da casa para os 20 entrevistados do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 7** Famílias botânicas com maior número de espécies em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 8** Exemplos dos quintais estudados no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC (Fotos: Mariana Giraldi).
- 9** Espécies com maior número de citações em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 10** Etnovariedades de plantas por tamanho do quintal em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 11** Curva de acumulação de espécies em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

- 12** Hábitos ecológicos das espécies de plantas encontradas em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 13** Espécies introduzidas e nativas presentes em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 14** Plantas que apresentaram maior frequência em listagem livre (n = 11 entrevistas), Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 15** Total de plantas cultivadas e de nascimento espontâneo em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 16** Plantas colhidas, ganhas e compradas em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.
- 17** Estande de divulgação do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica montado na VII SEPEX, UFSC, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Natalia Hanazaki, 25/10/2008).
- 18** Estande de divulgação do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica montado na VII SEPEX, UFSC, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Natalia Hanazaki, 25/10/2008).
- 19** Palestra de abertura do Peri em Foco, realizado no Parque Municipal da Lagoa do Peri, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Mel Simionato Marques, 07/11/2008).
- 20** Palestra *Pessoas e Plantas no Sertão do Ribeirão*, realizada no “Peri em Foco”, realizado no Parque Municipal da Lagoa do Peri, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Natalia Hanazaki, 07/11/2008).

- 21** Reunião organizada para divulgação dos projetos realizados na comunidade do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Mariana Girdi, 07/12/2008).

Lista de tabelas:

- 1** Listagem das espécies e etnovariedades presentes em 11 quintais e moradores da comunidade rural do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

- 2** Riqueza de etnovariedades por tamanho do quintal em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

- 3** Frequência e ranqueamento das plantas com maiores citações pelos entrevistados (n=11 entrevistas), Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Resumo:

Os quintais são considerados como um sistema agrícola tradicional muito difundido na maioria das regiões tropicais do mundo. São áreas ao redor das casas onde são plantadas uma mistura de espécies vegetais, cujas finalidades incluem a produção de alimento para complementação da dieta. Além disso, esse sistema pode contribuir para a manutenção da diversidade biológica tanto em áreas rurais como em áreas periurbanas e urbanas. Este estudo tem como objetivos efetuar um registro do conhecimento ecológico local sobre os recursos vegetais cultivados em quintais para finalidade de complementação alimentar, em uma comunidade rural, descendente de açorianos, que ainda mantém uma forte identidade cultural. Essa comunidade, o Sertão do Ribeirão (Florianópolis, SC), se mantém relativamente isolada do meio urbano, onde uma parte da população residente ainda cultiva aipim (*Manihot esculenta*) e cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), plantas essas utilizadas na fabricação artesanal de farinha e aguardente, respectivamente. Esta comunidade está inserida dentro de uma Unidade de Conservação, o Parque Municipal da Lagoa do Peri, que está sendo enquadrado segundo a legislação brasileira do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Foram visitadas 20 propriedades, onde residem 52 pessoas no total, para realização de um levantamento sócio-econômico. Além deste levantamento, foram visitados 11 quintais, listando-se as plantas utilizadas na alimentação da família. Dentre as 76 espécies de plantas presentes em 11 quintais encontrou-se 138 etnovarietades. Das 34 famílias de plantas encontradas as principais foram Myrtaceae e Lamiaceae. As espécies mais representativas do Sertão principalmente devido às suas etnovarietades, são *Musa* sp. (banana e suas respectivas variedades), *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (laranja e variedades), *Citrus reticulata* Blanco (tangerina, vergamota e poncã), *Psidium guajava* L. (goiaba) e *Petroselinum* sp. (salsinha), respectivamente. As entrevistas foram feitas com a pessoa que se diz responsável pela manutenção do quintal. É notável a grande quantidade de etnovarietades de plantas nessa área. O aparecimento de espécies nativas com o palmito juçara (*Euterpe edulis*) dentro dos quintais e das áreas adjacentes também corrobora com a hipótese de que os quintais são importantes para a manutenção da agrobiodiversidade. Porém apesar de algumas espécies nativas estarem presentes nos quintais dessa comunidade, a grande maioria das plantas corresponde a espécies exóticas.

Palavras chave: etnobotânica, áreas de cultivo, conhecimento tradicional.

1. Introdução:

Segundo a Convenção da Diversidade Biológica, artigo 2º, a biodiversidade representa a variabilidade entre os seres vivos de todas as origens compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade intra-específica e interespecífica de ecossistemas (CDB, 1992). Complementando esta idéia, Diegues e Arruda (2001) afirmam que a biodiversidade também é produto de uma construção cultural e social, desde a domesticação de plantas e animais, até seus usos rituais e míticos.

A fim de conter a devastação dos recursos naturais, a busca por alternativas, como o desenvolvimento de sistemas sustentáveis para a manutenção da diversidade biológica, tem crescido expressivamente. Porém, muitas das formas propostas de manejo dos ecossistemas caracterizam-se pela desvinculação das populações humanas que os habitam (Albuquerque, 1999). Rompendo com esta idéia, abordagens etnobotânicas de pesquisa buscam contemplar a perspectiva e as necessidades de comunidades locais nas propostas de estratégias de manejo de sistemas naturais (Toledo *et al.*, 1995).

A relação entre populações humanas e recursos vegetais tem sido abordada ao longo de toda a história do conhecimento científico. Entretanto, o termo etnobotânica, referindo-se especificamente a esta relação, foi cunhado há pouco mais de um século, sendo originalmente o estudo das plantas usadas por povos considerados primitivos e aborígenes (Harshberger, 1896). A definição de etnobotânica, atualmente, corresponde ao estudo das inter-relações diretas entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos (Alcorn, 1995; Albuquerque, 2002; Hanazaki, 2004).

Segundo Amorozo (2004a), o maior interesse da Etnobotânica é captar as diferentes dimensões da relação de grupos humanos com as plantas. Isto inclui tanto aspectos mais objetivos e mensuráveis, de manejo do ambiente, utilização e domesticação de plantas, como aspectos mais subjetivos, que para serem compreendidos precisam que se conheça um pouco mais sobre os significados dados pelas pessoas às coisas e a sua vida, sua forma de pensar e perceber o ambiente, além dos referenciais que usam para tomar decisões.

A etnobotânica teve influência inicial de áreas do conhecimento que faziam uso predominantemente de metodologias de caráter qualitativo, como a Antropologia Cultural e

a Botânica Econômica, nas quais as pesquisas de caráter etnobotânico limitavam-se a fazer listagens de plantas úteis. Com o seu desenvolvimento, a etnobotânica passou a incorporar também abordagens de caráter quantitativo. Autores como Prance *et al.* (1987) ressaltam a grande contribuição deste caráter para a conservação biológica, pois o mesmo pode representar uma importante ferramenta para integrar elementos etnobotânicos com informações biológicas e ecológicas, indo além de simples listas de espécies e usos. Ambas abordagens, qualitativa e quantitativa, longe de serem antagônicas, são complementares. Cabendo, ao pesquisador, julgar qual é a mais adequada utilizar em sua pesquisa, ou mesmo num equilíbrio entre elas no processo da pesquisa (Amorozo, 2004b).

Existe uma tendência entre os trabalhos etnobotânicos atuais de incluir, além de listagens de plantas úteis, informações sobre potencial de uso de variedades vegetais selvagens e cultivadas, assim como integrar dados ecológicos e etnobotânicos no delineamento de estratégias mais sustentáveis de utilização de ecossistemas tropicais. A coleta deste tipo de informação, combinada com programas que se desdobram no cultivo de espécies vegetais nativas, têm o potencial de enriquecer a dieta da população e reduzir a dependência das atuais espécies comercializadas e de materiais industriais não-renováveis (Plotkin, 1997).

Segundo Gadgil *et al.* (1993), o conhecimento tradicional contém informações valiosas sobre o papel que as espécies desempenham em sistemas ecológicos sustentáveis. O conhecimento ecológico local, de populações que utilizam os recursos da natureza, tem sido alvo de estudos diversos (Brook e McLachlan, 2008), pois a diversidade cultural está fortemente relacionada com a diversidade biológica, principalmente com plantas cultivadas e manipuladas pelas sociedades tradicionais (Hanzaki *et al.*, 2008). Muitas técnicas e práticas de manejo utilizadas por algumas populações tradicionais têm o potencial de serem ecologicamente sustentáveis, já que respeitam a complexidade e delicadeza dos ecossistemas (Albuquerque, 1999).

Segundo Robinson (1997), populações humanas podem relacionar o uso das florestas com produção de alimentos e tecnologias para subsistência de maneira sustentável. Há uma grande variedade de povos com conhecimentos inestimáveis acerca de plantas e animais. Tal conhecimento pode não estar expresso na terminologia da ciência moderna, e muitas vezes, está entrelaçado à magia, aos mitos e à superstição, mas pode ser certamente

explicitado. Não se trata meramente de conhecimento das espécies, mas também de conhecimento de práticas de lavoura, jardinagem e agricultura (Robinson, 1997). Assim, muitas comunidades possuem sistemas próprios de manejo, resultado da experiência acumulada historicamente da sua relação com os recursos naturais, o que viabiliza o suprimento de suas necessidades com um prejuízo ambiental mínimo (Albuquerque e Andrade, 2002).

Quintais são considerados como um sistema agrícola tradicional muito difundido na maioria das regiões tropicais do mundo (Lamont *et al.*, 1999). São denominados recorrentemente, como áreas ao redor das casas onde são plantadas uma mistura de espécies vegetais, principalmente as árvores frutíferas e raízes (Soemarwoto, 1987). Estas áreas são consideradas sistemas sustentáveis de manejo em uma perspectiva ecológica (Fernandes e Nair, 1986; Alcorn, 1990).

Uma das principais finalidades do quintal é a produção alimentar (Fernandes e Nair, 1986). Além disso, podem atender demandas locais específicas, prestando diversos serviços ambientais e sociais, como seqüestro de carbono (Kumar e Nair, 2004; Albretch e Kandji, 2006; Kumar, 2006b), conservação de espécies nativas (Blanckaert *et al.*, 2004; Kumar e Nair, 2004), produção de alimento para consumo familiar a baixo custo (Blanckaert *et al.*, 2004; Kumar, 2006a), entre tantos outros benefícios.

Em uma abordagem ecológica e genética, os quintais podem representar um espaço de resistência às monoculturas (Amorozo, 2004b) pois, ao contrário de cultivos monoespecíficos, mantêm alta diversidade inter e intra específica, resultantes de experimentação e seleção local, assim como de trocas e circulação de espécies levadas de um ambiente para outro (Williams, 1997). Além de serem fonte de subsistência, segurança alimentar e recursos financeiros, são também um repositório e um lugar para experimentação de espécies incomuns e de variedades de plantas (Padoch e de Jong, 1991; Kumar e Nair, 2004).

A aparência estrutural dos quintais é determinada em grande parte pelo ambiente natural e pela tentativa da família em utilizar tantas espécies localmente adaptadas quanto possível em uma extensão de terra relativamente pequena, para múltiplos propósitos. Os tipos de cultivo encontrados nos quintais são ditados pelo potencial ecológico da região e preferência alimentar cultural (Niñez, 1984 *apud* Fox, 1999). O desaparecimento dos

quintais não implicaria somente na perda de um sistema ecologicamente estável e geneticamente rico, como também na perda da valiosa herança cultural associada a ele (Nair e Krishnankutty, 1984).

Apesar do grande uso humano, das funções ecológicas e da importância sócio-econômica, a literatura sobre os quintais tropicais é deficiente na precisão dos elementos da diversidade e variação florística nestes sistemas (Albuquerque *et al.*, 2005). Segundo Florentino *et al.* (2007), a pouca atenção dada à prática dos quintais é observada especialmente no Brasil; na Ásia, por exemplo, até a década de 1990, os quintais foram objeto de estudo em aproximadamente 40% das publicações sobre sistemas agroecológicos, sendo a maioria de cunho qualitativo, descrevendo o ambiente, sua composição florística e função.

Além da Ásia, destacam-se México, América Central e Oeste da África, com grande número de publicações sobre quintais (Kumar e Nair, 2004). No Brasil, a maioria dos trabalhos etnobotânicos em quintais é feita em comunidades indígenas, principalmente na Amazônia, e pouco se sabe sobre esses sistemas de cultivo em outros tipos de comunidade fora da região Amazônica (Winklerprins, 2002; Vogl *et al.*, 2004). Há ainda alguns trabalhos que realizaram estudos sobre estrutura e florística de quintais, em comunidades rurais na Caatinga pernambucana (Albuquerque *et al.* 2005; Florentino *et al.* 2007). Assim, torna-se extremamente necessário a realização de estudos etnobiológico, além de estudos complementares mostrando a grande importância dos quintais e sistemas agroflorestais, como alternativas às monoculturas e por servir de fonte de sustentabilidade local e de recursos genéticos, além de oferecerem proteção ao solo.

2. Objetivos:

2.1. Geral

Este estudo tem como principal objetivo efetuar um registro do conhecimento ecológico local sobre plantas utilizadas como fonte de alimentação dos moradores do Sertão do Ribeirão, uma área que liga os distritos do Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul pelo interior da Ilha de Santa Catarina, município de Florianópolis, onde reside uma pequena comunidade rural; sobre os recursos vegetais cultivados e manejados em quintais.

2.2. Específicos

- Caracterizar os quintais quanto a sua estrutura física e quanto às espécies cultivadas para fins alimentares;
- Realizar um registro sobre o conhecimento etnobotânico dos quintais da comunidade do Sertão do Ribeirão, relacionando os recursos vegetais utilizados na alimentação;
- Ampliar os estudos com quintais já realizados nas proximidades do Sertão do Ribeirão (Peroni *et al.* 2007, comunicação pessoal);
- Contribuir para a valorização do conhecimento local levando as informações do estudo à administração do Parque Municipal da Lagoa do Peri; e
- Promover o retorno de resultados das informações etnobotânicas compiladas por este projeto através de ações voltadas aos moradores da região.

3. Área de Estudo

3.1. Parque municipal da Lagoa do Peri:

O Parque Municipal da Lagoa do Peri (Figura 01) está localizado na região sudeste de Florianópolis (27°43' S e 48°32' W), possui cerca de 20 km² e abriga a maior lagoa de água doce da costa catarinense, cuja área é de 5,07 km² (CONAGE, 1999). Segundo a classificação climática de Köppen, Florianópolis apresenta o clima subtropical úmido ou Cfa, não existindo uma estação seca.

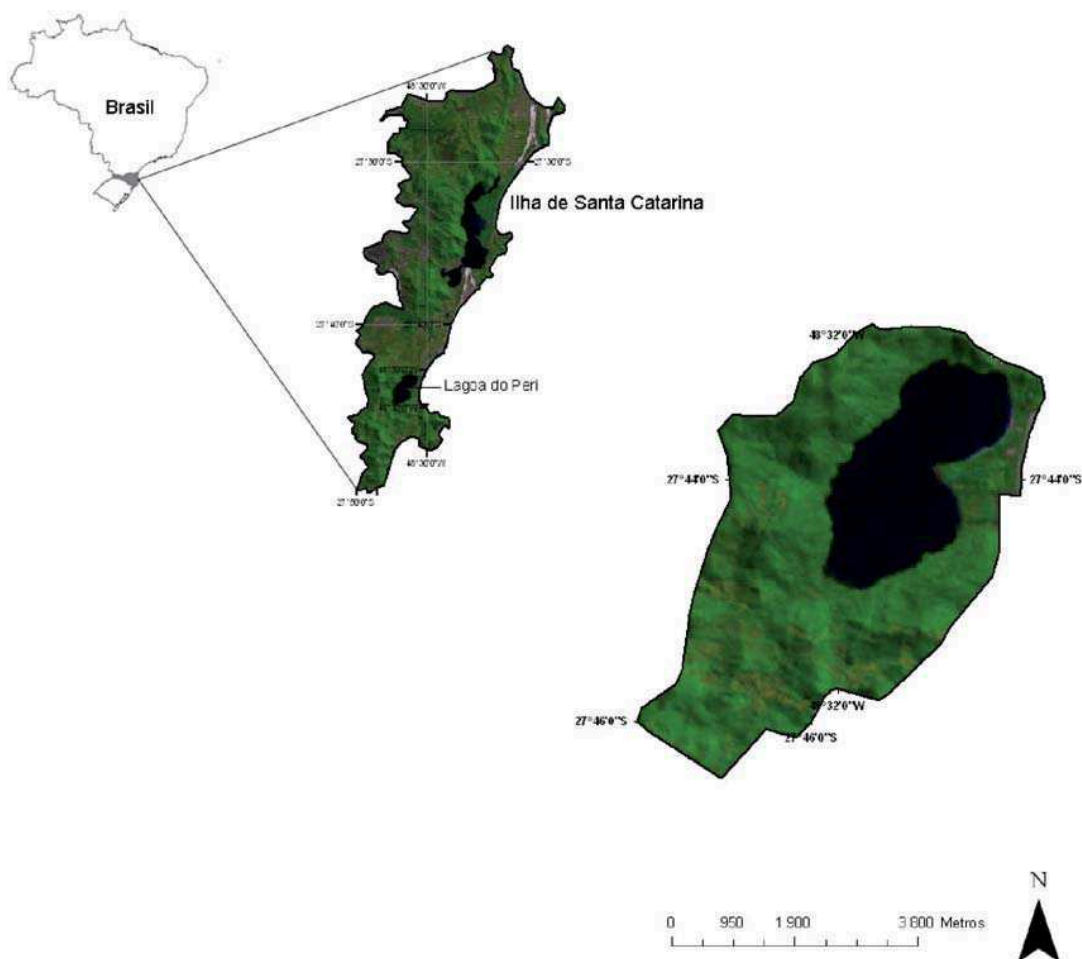


Figura 01: Localização do Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, SC (Fonte: Teive *et al.*, 2008).

O índice pluviométrico anual da região é em torno de 1.450 mm, ocorrendo um ligeiro aumento de precipitação durante os meses de verão (janeiro a março) e redução nos meses de inverno (junho a agosto). A temperatura média varia entre 20 e 24 °C, com a temperatura média mais baixa ocorrendo no mês de julho, em torno de 13,7 °C, e a mais elevada ocorrendo em janeiro e fevereiro, variando de 28 a 31 °C. A umidade relativa do ar é, em média, de 82% (Simonassi, 2001).

A lagoa do Parque é definida como “lagoa costeira”, pois se originou de um braço de mar e mantém ligação com o mesmo (Esteves, 1988). A área do Parque é constituída pelo corpo lagunar e o conjunto de vegetação que o cerca, sendo limitado a leste por uma estreita faixa de restinga que separa a lagoa do mar; e a oeste, sul e norte por encostas de Mata Atlântica de topografia acidentada, com altitudes de até 500 m (Silva, 2000).

Devido a este grande manancial hídrico, a área que abriga as nascentes da bacia hídrica e a área da lagoa foi tombada como Patrimônio Natural pelo Decreto Municipal nº 1.4008 de 04 de junho de 1976 (Florianópolis, 1976) e posteriormente transformada em Parque pela Lei Municipal nº 1.828 de 04 de dezembro de 1981 (Florianópolis, 1981), que também instituiu sua estrutura de administração.

3.2. Sertão do Ribeirão da Ilha:

Os açorianos são descendentes dos imigrantes das Ilhas dos Açores e da Madeira, além de portugueses continentais. Estabeleceram-se no litoral catarinense em meados de janeiro de 1748, guardando traços culturais próprios, com a economia baseada na pequena propriedade rural (Caruso e Caruso, 1997).

Os primeiros habitantes do Sertão do Ribeirão (Figura 02), descendentes dos açorianos, fixaram-se na região a partir de 1761 (Batista, 2004). Nesta área percebe-se que há realmente um predomínio das lavouras de subsistência, porém muitas vezes associadas ao cultivo de cana-de-açúcar para produção de aguardente e alimentação do gado (Pereira, 2001). Além da presença de lavouras de mandioca e aipim associadas à fabricação artesanal de farinha (Batista, 2004). Essas atividades são feitas muitas vezes de maneira artesanal e esporádica, apesar da grande influência do meio urbano, uma vez que muitos moradores trabalham em outras localidades.



Figura 02: Comunidade do Sertão do Ribeirão (Foto: Mariana Giraldi).

O Sertão do Ribeirão agrega 147 habitantes, organizados em 35 famílias com residências fixas ou temporárias (Pereira, 2001). Na região não há nenhum posto médico nem escola de ensino fundamental ou ensino médio, existindo apenas de educação infantil. A coleta de lixo é feita a cada quinze dias e a estrada de acesso à localidade não é pavimentada e encontra-se em estado de abandono.

Essa comunidade encontra-se numa área de assentamento e uso do Parque Municipal da Lagoa do Peri, chamada Área de Paisagem Cultural (Salgado, 2002). Segundo a lei de criação do Parque, a Área de Paisagem Cultural destina-se ao desenvolvimento social da população residente, à proteção da fauna, flora e seu substrato, ao lado da conservação da paisagem resultante das atividades tradicionais na área (Florianópolis, 1981).

A existência do Parque deu-se antes da criação do Sistema Nacional de Unidade de

Conservação da Natureza (SNUC), instituído pela Lei Federal nº 9.985 de 18 de julho de 2000, no qual as Unidades de Conservação são desdobradas em dois grandes grupos: as Unidades de Conservação de Proteção Integral e as Unidades de Conservação de Uso Sustentável. Segundo esta lei, os parques então incluídos nas áreas de proteção integral, nas quais não são permitidos espaços habitados por populações humanas (Brasil, 2000). Este Parque, atualmente, está em processo de enquadramento no SNUC.

4. Metodologia:

4.1. Coleta de dados:

O Decreto Federal nº 4.339/02 trata da Política Nacional da Biodiversidade e, entre os seus princípios, no ponto 2, XII, do seu anexo, institui que “*as ações relacionadas ao acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade deverão transcorrer com consentimento prévio informado dos povos indígenas, dos quilombolas e das outras comunidades locais*” (Brasil, 2002). Logo, a primeira ação feita foi visitar a comunidade e apresentar o termo de consentimento prévio e informado (Anexo A).

Após a obtenção do consentimento, foram coletados dados sócio-econômicos e etnobotânicos através de entrevistas utilizando um questionário semi-estruturado (Anexo B). Esta etapa aconteceu de Junho à Outubro de 2007. Segundo Albuquerque *et al.* (2008), as entrevistas semi-estruturadas são aquelas em que as perguntas são parcialmente formuladas antes de ir ao campo, porém apresenta flexibilidade, permitindo assim um aprofundamento em questões que se façam necessárias.

Foi entrevistada pelo menos uma pessoa, do sexo feminino ou masculino, de cada domicílio da comunidade do Sertão do Ribeirão. As entrevistas transcorreram nas residências e foram incluídas todas aquelas que possuíam quintal. Nas entrevistas constaram questões que caracterizavam a relação que os moradores mantinham com o quintal, e o histórico deste. Foram incluídas também questões sobre a pessoa responsável pelos cuidados como quintal, se o mesmo é importante na alimentação da família, se ele já foi maior ou menor do que ele é atualmente.

Através de uma listagem livre (Anexo C), com perguntas sobre as espécies presentes nos quintais e seus usos, foi elaborada um inventário das citações das espécies presentes no quintal de cada entrevistado. Nesta listagem considerou-se exclusivamente a categoria de uso alimentar. Foi solicitado acompanhamento do informante pela área que ele considera quintal (Figura 03), onde ele pôde dar mais informações sobre as espécies já citadas e incluir outras que fossem avistadas ali.

Além da listagem de espécies, o inventário abordou questões referentes à origem das plantas, se a planta nasceu espontaneamente ou se foi cultivada, como foi adquirida, de

que localidade provém e se houve doações de propágulos para outras pessoas. Outras informações foram consideradas sobre as espécies, como sua forma de vida ou hábito (herbáceas, lianas, arbustos ou árvores).



Figura 3: Entrevista no quintal, Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC (Foto: Mariana Giraldi).

A área dos quintais foi também caracterizada qualitativamente quanto ao tamanho, em três classes: pequeno, médio e grande. Essa definição aconteceu devido à subjetividade com que os moradores consideravam a área abrangente do seu quintal. Muitas vezes, eles apontavam apenas para uma horta; enquanto que em outras, todo terreno era considerado como sendo o quintal. Além disso, alguns moradores cultivavam na beira da estrada e essa área, para eles, era considerado como quintal também.

Dentro dos quintais foram quantificados dois níveis de diversidade, ou seja, a diversidade interespecífica (riqueza de espécies), assim como a diversidade intra-específica (variedades). Algumas amostras das espécies foram coletadas para elaboração de exsicatas e identificação em laboratório. Esta etapa foi realizada de Março à Outubro de 2008.

4.2. Análise dos dados:

Para os dados sócio-econômicos, utilizou-se estatística descritiva. Já para análise da diversidade dos quintais, optou-se pelo índice de Shannon (H'). O Índice de Diversidade de Shannon leva em consideração a riqueza das espécies e sua abundância relativa, sendo definido por:

$$H = - \sum p_i \cdot \log p_i$$

em que $p_i = n_i/N$; n_i = valor de importância de cada espécie ou grupo; N = total dos valores de importância (Krebs, 1989).

A elaboração das curvas de acumulação de citações por entrevistado foi feita através do uso do software EstimateS 7.5 (Colwell, 2006).

Para análise dos dados de listagens livres e para o ranqueamento das variedades foi utilizado o software Anthropac 4.0 – módulo Freelist (Borgatti, 1995).

4.3. Retorno de resultados:

Seguindo os preceitos da Declaração de Belém (Campos, 2002), torna-se imperativo que sejam investidos esforços no retorno de resultados de pesquisas etnobiológicas e etnobotânicas, idealmente como parte dos próprios projetos de pesquisa.

Há um grande projeto: *Pessoas e plantas no Sertão do Ribeirão*, realizado no Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (ECZ/ CCB/ UFSC) que se propõem caracterizar o conhecimento e utilização plantas pelos moradores do Sertão. O trabalho apresentado aqui é um desdobramento desse projeto, assim existem mais dois projetos de pesquisa realizados na mesma localidade. O retorno de resultados abrange os diferentes subprojetos inseridos no projeto e conta também com o apoio de uma bolsista de extensão, cuja bolsa é vinculada ao Departamento de Projetos de Extensão, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, UFSC.

Através de um estande na VII SEPEX (Semana de Pesquisa e Extensão Universitária), que se realizou entre 22 e 25 de Outubro de 2008, o projeto do Sertão pôde ser divulgado para comunidade, com exposição de fotos e distribuição de um material em forma de *folders* (Anexo D).

Foi organizado, no dia 07 de Novembro de 2008, um seminário de pesquisas e uma exposição, preparada pela bolsista do projeto de extensão, na sede do Parque Municipal da Lagoa do Peri. Este seminário contou com a participação de outros projetos de pesquisa que são ou foram desenvolvidos na região da Unidade de Conservação.

Por fim, foi organizado material impresso, em forma de cartilha (Anexo E) e em linguagem acessível aos moradores da comunidade, comunicando uma síntese dos resultados das pesquisas efetuadas.

5. Resultados e Discussão:

5.1. Perfil Sócio-econômico

Foram realizadas entrevistas em 20 domicílios, destas, 05 são referentes a residências temporárias ou de veraneio, ou seja, de pessoas que não residem lá, mas mantêm essas casas para ir ao final de semana.

Nos 20 domicílios residem, atualmente, 52 pessoas, porém se forem consideradas, apenas as residências fixas, este número cai para 40 pessoas. Em relação ao número médio de moradores dos domicílios do Sertão, pode ser considerado pequeno: a média de moradores por domicílio foi de 2,60. Estes domicílios estão integrados a unidades familiares. Nestas unidades familiares, constituídas basicamente pelo casal e seus filhos, podem fazer parte de núcleos familiares maiores, visto que os filhos, depois de casados, constroem suas casas no terreno dos pais. Porém, nesta parte do estudo considerou-se como unidade amostral cada domicílio, ou residência e não os núcleos familiares.

Das vinte residências do local, em dezessete (85%), o entrevistado ou seu cônjuge nasceu e foi criado no local, e em três (15%) eram naturais de outros bairros de Florianópolis e possuíam ali residências temporárias. Todas as residências são próprias e apenas em três residiam pessoas que não eram casadas, sendo uma solteira, outra viúva e um desquitado.

A média da renda familiar é de 4,5 salários mínimos por domicílio sendo que, em geral, as rendas mais altas são de famílias que possuem residências temporárias no local (Assis, 2007). Considerando apenas as famílias de residência permanente, a renda familiar média para é de 3,22 salários mínimos. Em uma residência a renda familiar não foi informada. Contudo observou-se que oito dos vinte entrevistados, possuem renda mensal de dois a quatro salários mínimos (Figura 04).

Foram entrevistados nove mulheres e onze homens. A idade dos entrevistados variou de 73 a 20 anos, com média de 48 anos (Figura 05).

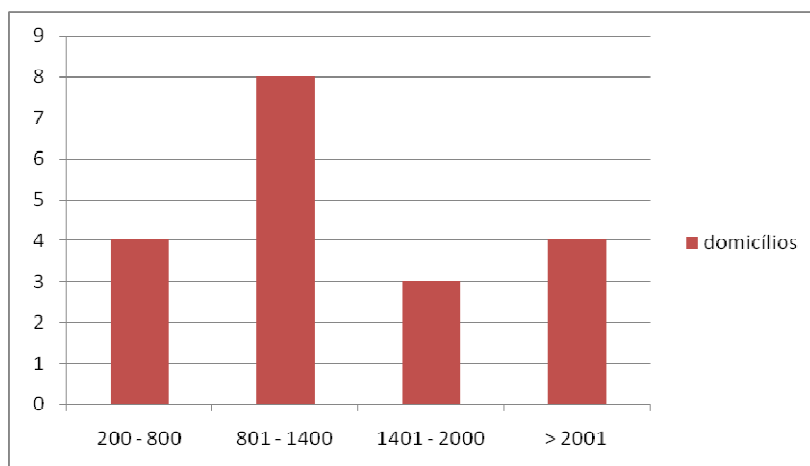


Figura 04: Renda familiar em reais (R\$) de 19 entrevistados do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

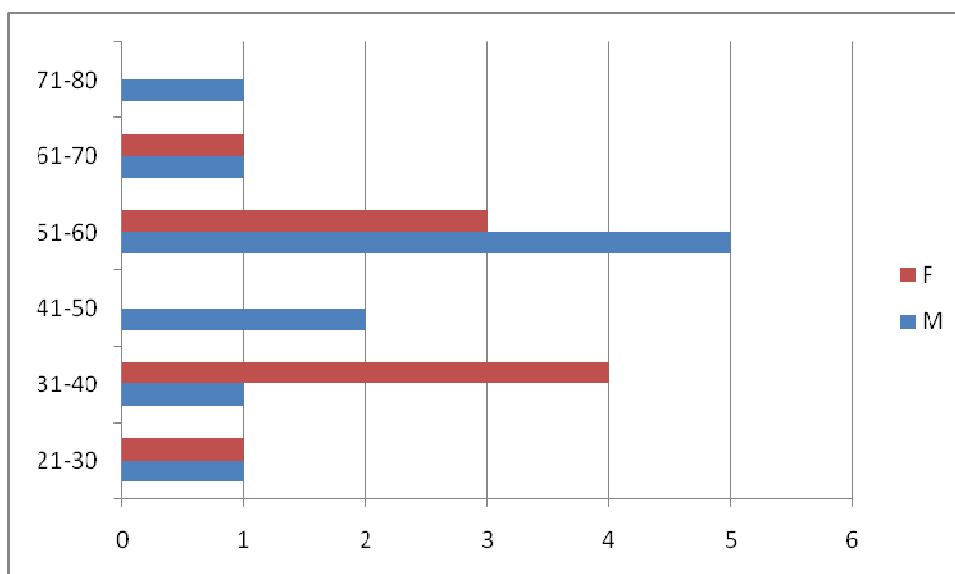


Figura 05: Idade dos 20 entrevistados do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Durante a pesquisa procurou-se entrevistar a pessoa que cuidava do quintal. Dos 20 entrevistados 6 responderam que o casal é quem cuida do quintal; 11 pessoas responderam que são eles mesmos que cuidam do quintal; e duas pessoas afirmaram que recebem ajuda, uma do filho e outra tem do irmão (Figura 06).

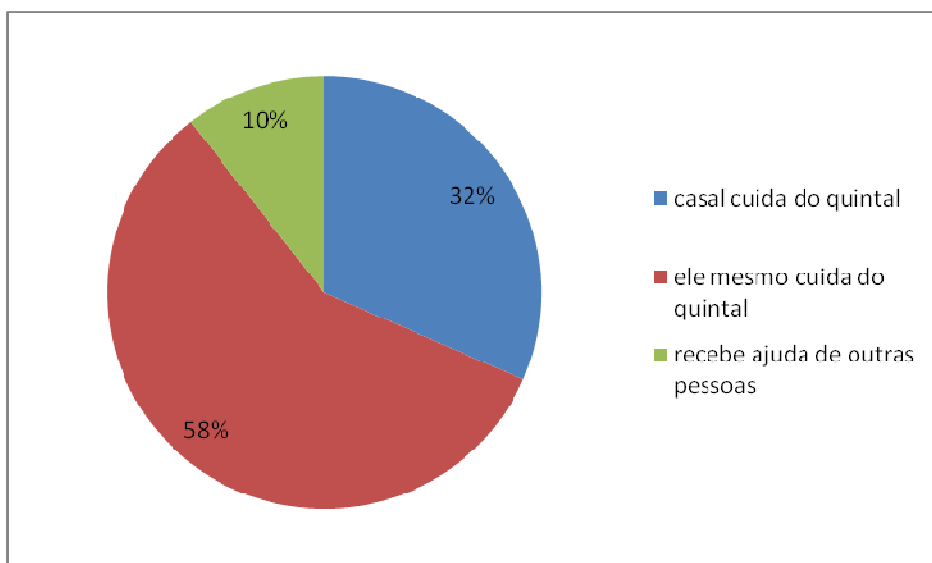


Figura 06: Responsável por cuidar do quintal da casa para os 20 entrevistados do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Com exceção de uma casa, todos possuem algum tipo de cultivo, roça, onde predomina o cultivo de uma ou poucas espécies, mais afastada da residência, e/ou quintal. Os moradores de quatorze residências plantam aipim ou mandioca, sendo que três deles cultivam apenas no quintal. Entre as residências que não possuem roça, muitas se beneficiam da roça dos pais ou irmãos, alguns, inclusive, ajudam a manejá-la. Todos os cultivos são para consumo familiar, sendo que apenas um entrevistado afirmou comercializar em caso de excedente.

5.2. Uso das plantas e Diversidade:

Das 20 residências iniciais, foram selecionados 11 quintais, onde foram encontradas 76 espécies de plantas, com um total de 138 variedades locais ou etnovarietades, distribuídas em 34 famílias botânicas (Tabela 1). As famílias com maiores números de espécies presentes foram Myrtaceae, Lamiaceae e Solanaceae (Figura 07). Abaixo imagem de dois quintais da comunidade conforme Figura 08.

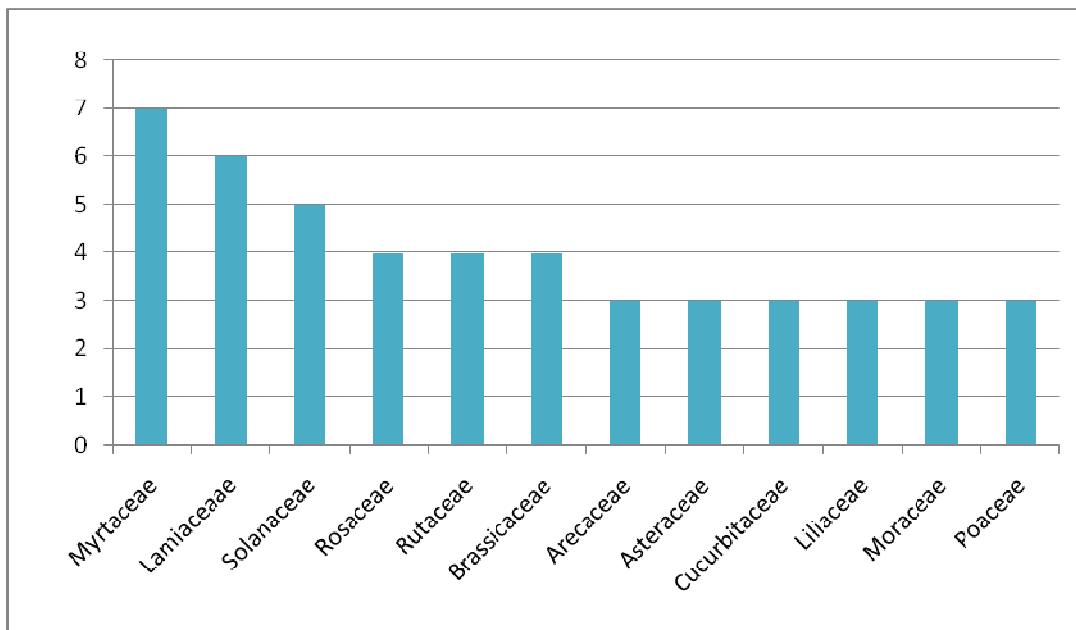


Figura 07: Famílias botânicas com maior número de espécies em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.



Figura 08: Exemplos dos quintais estudados no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC (Fotos: Mariana Giraldi).

Peroni *et al.* (2007) verificaram a presença de 94 espécies e 41 famílias botânicas em 102 quintais em três comunidades próximas ao Sertão do Ribeirão. Em outro estudo, efetuado na Caatinga, Florentino *et al.* (2007) apresentou 84 espécies e 35 famílias em 25 quintais amostrados. Já Valadão *et al.* (2006), identificou 92 espécies de plantas alimentícias pertencentes a 40 famílias botânicas em um estudo realizado em um

assentamento rural no Estado de São Paulo. Todavia, apesar de um número reduzido de unidades amostrais da pesquisa realizada no Sertão, obteve-se um resultado semelhante aos outros estudos com relação à diversidade de plantas presente nos quintais.

Tabela 1: Listagem das espécies e etnovariedades presentes em 11 quintais e moradores da comunidade rural do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

FAMILIA	Nome comum e Etnovariedades	Status	Hábito
Espécie/Morfoespécie			
ANACARDIACEAE			
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	I	Arbóreo
ANNONACEAE			
<i>Annona squamosa</i> L.	Fruta do conde	N	Arbustivo-arbóreo
APIACEAE			
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	I	Herbáceo
<i>Petroselinum</i> sp.	Salsa Salsinha	I	Herbáceo
ARACEAE			
<i>Xanthosoma</i> sp. 01	Inhame	N	Herbáceo
<i>Xanthosoma</i> sp. 02	Taiá	N	Herbáceo
ARECACEAE			
<i>Butia</i> sp.	Butiá	N	Arbustivo
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Palmito	N	Arbóreo
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Coquinho	N	Arbóreo
ASTERACEAE			
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	I	Herbáceo
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Maçanilha	I	Herbáceo
<i>Mikania</i> sp.	Guaco	N	Liana
BIXACEAE			
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	N	Arbustivo

BRASSICACEAE			
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	I	Herbáceo
	Brócolis		
	Repolho		
<i>Eruca sativa</i> Mill.	Rúcula	I	Herbáceo
<i>Raphanus sativus</i> L.	Rabanete	I	Herbáceo
Brassicacea 1	Agrião seco	I	Herbáceo
BROMELIACEAE			
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	N	Herbáceo
CARYCACEAE			
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	N	Arbóreo
CHENOPODIACEAE			
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	I	Herbáceo
CONVOLVULACEAE			
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce	N	Liana
CUCURBITACEAE			
<i>Cucumis melo</i> L.	Melão	I	Liana
<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora menina	N	Liana
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Machuchu	N	Liana
	Chuchu		
DIOSCOREACEAE			
<i>Dioscorea</i> sp.	Cará	N	Liana
EBENACEAE			
<i>Diospyros</i> sp.	Caqui	I	Arbóreo
	Caqui café		
	Caqui coração de boi		
	Caqui grado		
	Caqui maçã		
	Caqui miúdo		

EUPHORBIACEAE			
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	N	Arbustivo
	Aipim amarelo		
	Aipim casca preta		
	Aipim manteiga		
	Aipim rosinha		
	Aipim roxinho		
FABACEAE			
<i>Arachis hypogaea</i> L.	Amendoim	N	Herbáceo
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	N	Herbáceo
	Feijão vermelho		
	Feijão preto		
LAMIACEAE			
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva cidreira	I	Herbáceo
<i>Mentha</i> sp.	Hortelã	I	Herbáceo
	Hortelã roxa		
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	I	Herbáceo
	Manjericão		
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	I	Herbáceo
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	I	Herbáceo
Lamiaceae 1	Alfavaca do reino	I	Herbáceo
LAURACEAE			
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	N	Arbóreo
LILIACEAE			
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	I	Herbáceo
	Cebola verde		Herbáceo
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	I	Herbáceo
<i>Allium</i> sp.	Cebola-alho	I	Herbáceo
MALPIGHIACEAE			
<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC.	Guaraná	N	Arbustivo
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	I	Arbustivo

MORACEAE			
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	I	Arbóreo
<i>Artocarpus</i> sp.	Fruta pão	I	Arbustivo
<i>Morus nigra</i> L.	Amorinha	I	Arbóreo
 MUSACEAE			
<i>Musa</i> sp.	Banana branca	I	Arbustivo
	Banana canela		
	Banana caturra		
	Banana côco		
	Banana enxerto		
	Banana figo		
	Banana maçã		
	Banana maçaió		
	Banana nanica		
	Banana nanicão		
	Banana ouro		
	Banana prata		
	Banana roxa		
	Banana são tomé		
 MYRTACEAE			
<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Grumichama	N	Arbóreo
<i>Eugenia tomentosa</i> Aubl.	Cabeludinha	N	Arbustivo
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	N	Arbustivo-arbóreo
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg	Jaboticaba	N	Arbóreo
	Jaboticaba de enxerto		
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	N	Arbóreo
	goiaba branca		
	goiaba vermelha		
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	araçá	N	Arbóreo
Myrtaceae sp.01		N	Arbustivo-arbóreo
 OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	I	Arbóreo

PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá cobra	N	Liana
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	N	Liana
	Maracujá amarelo		
POACEAE			
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim limão	I	Herbáceo
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	I	Herbáceo
	Cana maçã		
<i>Zea mays</i> L.	Milho	N	Herbáceo
PUNICACEAE			
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	I	Arbóreo
ROSACEAE			
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	Ameixa amarela	I	Arbóreo
<i>Malus pumila</i> Mill.	Maçã	I	Arbustivo
<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	Pêssego	I	Arbustivo
Rosaceae 1	Ameixa pará	?	Arbustivo
RUBIACEAE			
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	I	Arbustivo-arbóreo
	Café sombrero		
<i>Coffea</i> sp.	Café caturra	I	Arbustivo-arbóreo
RUTACEAE			
<i>Citrus limonia</i> (L.) Osbeck	Limão	I	Arbustivo-arbóreo
	Limão galego		
	Limão todo ano		
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	I	Arbustivo-arbóreo
	Vergamota		
	Poncã		
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	I	Arbustivo-arbóreo
	Laranja açúcar		
	Laranja lima		
	Laranja vermelha		

	Laranja bruta		
	Laranja pamoio		
	Laranja vanessa		
	Laranja todo ano		
<i>Citrus</i> sp.	Lima	I	Arbustivo-arbóreo
	Lima catinga		
	Limão caipira		
SOLANACEAE			
<i>Capsicum</i> sp. 01	Pimenta	N	Herbáceo
	Pimenta malagueta		
<i>Capsicum</i> sp. 02	Pimentão	N	Herbáceo
<i>Capsicum</i> sp. 03	Pimentão	N	Herbáceo
<i>Lycopersicum</i> sp. 01	Tomate japonês	N	Herbáceo
<i>Lycopersicum</i> sp. 02	Tomate miúdo	N	Herbáceo
VITACEAE			
<i>Vitis vinifera</i> L.	Uva roxa	I	Liana
ZINGIBERACEAE			
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	I	Herbáceo

N= nativo e I= introduzido.

As espécies mais representativas do Sertão (Figura 09), principalmente devido às suas etnovariedades, são *Musa* sp. (banana e suas respectivas variedades), *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (laranja e variedades), *Citrus reticulata* Blanco (tangerina, vergamota e poncã), *Psidium guajava* L. (goiaba) e *Petroselinum* sp. (salsinha), respectivamente (ilustrações em Anexo F). É importante ressaltar que não se mensurou a abundância das plantas presentes no quintal, considerou-se somente a presença ou não da etnovarietade.

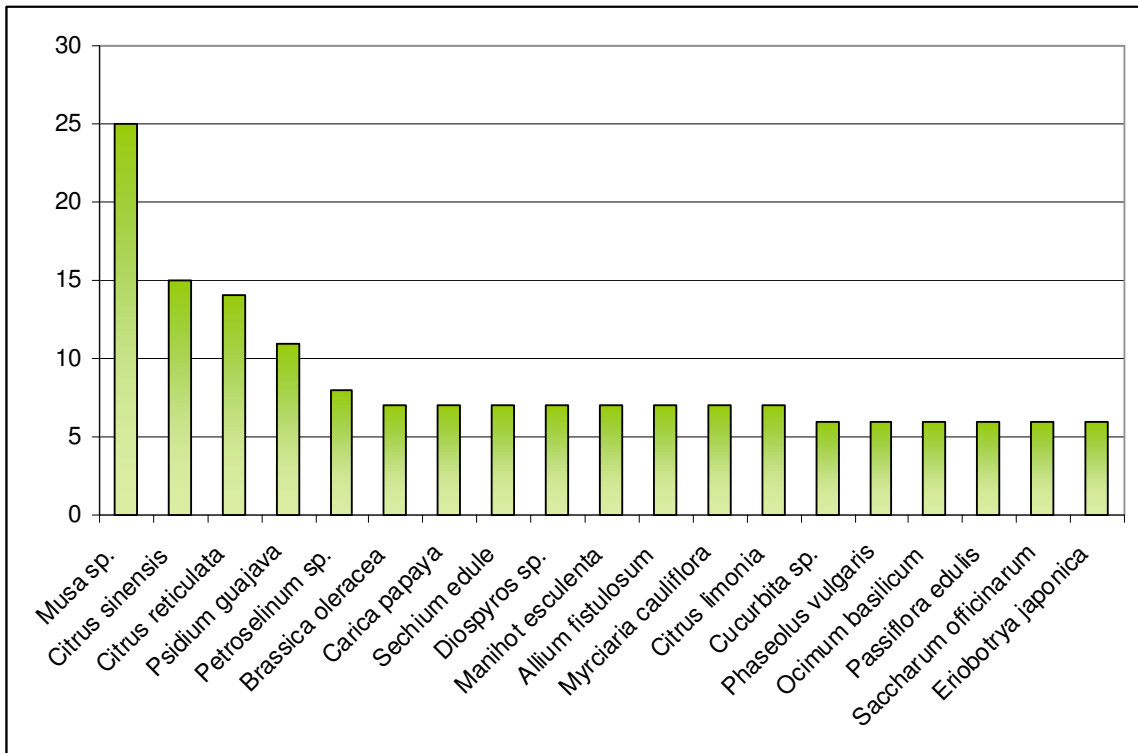


Figura 09: Espécies com maior número de citações em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Os quintais considerados pequenos, máximo 400m², (n=5) somaram um total de 72 etnovariedades de plantas, os médios, entre 400m² e 800m², (n=2) apresentaram 60 e os grandes, acima de 800m², (n=4), 153 (Figura 10). A média de plantas por tamanho de quintal foi: pequeno 14,4 etnovariedades, médio 30 e grande com 38,8 plantas.

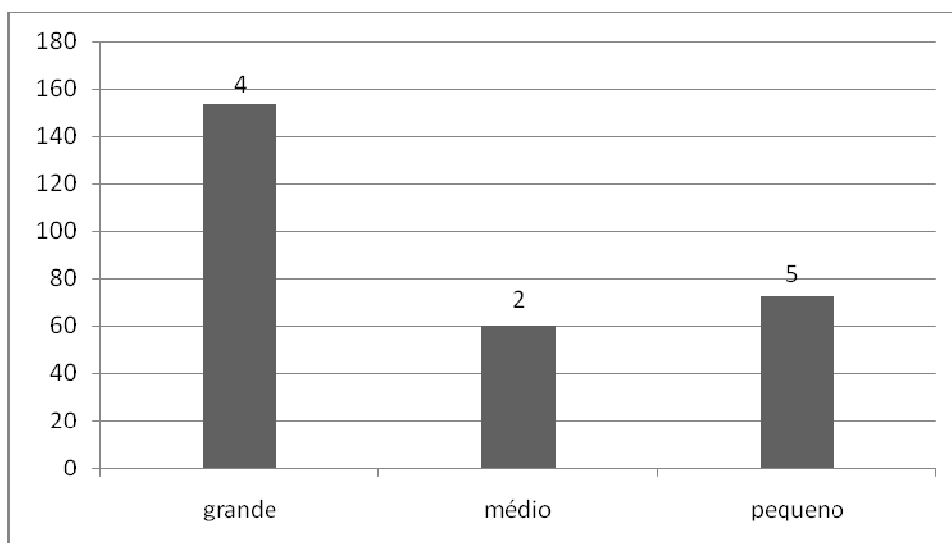


Figura 10: Etnovarietades de plantas por tamanho do quintal em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Analisando as áreas de cultivo individualmente (Tabela 02), os menores quintais possuem riqueza de etnovarietades bem diversas, variando de 1 a 30. Porém os quintais grandes, como esperado, apresentaram um grande número de variedades. Logo, no Sertão do Ribeirão, não se pode afirmar que os quintais maiores possuem maior riqueza. Todavia, quando analisamos as médias, podemos observar que há uma tendência de que, quanto maior o quintal, maior o número de etnovarietades. Acredita-se que a riqueza de espécies vai ser influenciada por outros fatores além o tamanho do quintal como o número de indivíduos de cada espécie que é cultivado ou manejado e o hábito das espécies.

Tabela 02: Riqueza de etnovarietades por tamanho do quintal em 11 quintais do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Quintal	Pequeno	Médio	Grande
	17	18	45
	30	42	29
	12		29
	12		50
	1		
Média	14,40	30,00	38,80

Considerando a diversidade de Shannon, $H' = 1,71$ decits. Fox (1999) obteve um

resultado um pouco superior, $H' = 1,96$. Contudo, é importante salientar que o trabalho aqui apresentado foi realizado não apenas com plantas utilizadas na alimentação, ao contrário da maioria dos trabalhos, inclusive esse apresentado por Fox, que verificam as outras modalidades de usos (medicinal, ornamental, entre outros), aumentando assim o número de espécies e conseqüentemente, a diversidade.

A curva de acumulação de espécies (Figura 11) não apresenta estabilidade, indicando que se mais quintais fossem possíveis de serem amostrados nessa localidade, provavelmente, seria registrada uma diversidade ainda maior. Apesar de existirem outros quintais ali, não foram possíveis de serem amostrados, principalmente devido à disponibilidade dos entrevistados. A construção de curvas de acumulação permitirá, futuramente, a comparação da diversidade dos quintais do Sertão do Ribeirão com os quintais das outras localidades de Florianópolis estudadas por Peroni *et al.* (2007) haja vista que foram usados tamanhos amostrais, número de quintais, distintos.

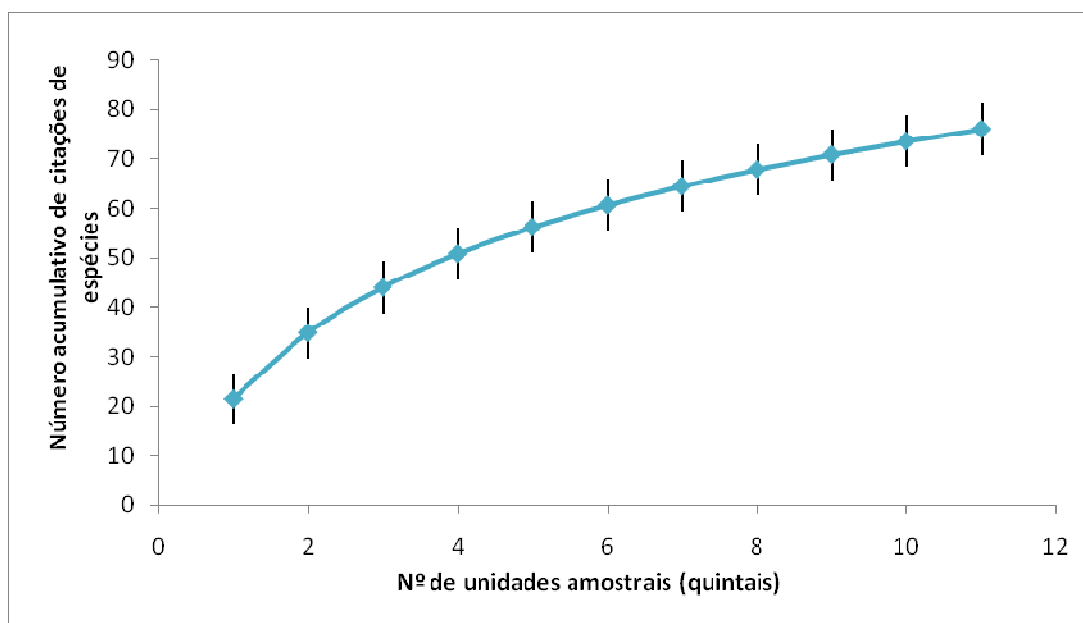


Figura 11: Curva de acumulação de espécies em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Com relação ao hábito das plantas (Figura 12), encontrou-se 19,5% arbóreo (15 espécies), 11,7% arbustivo-árboreo (9 espécies), 14,3% arbustivo (11 espécies), 42,8% herbáceas (33 espécies) e 11,7% lianas ou trepadeiras (9 espécies). O maior número de

espécies herbáceas é devido às plantas utilizadas como condimento (pimenta, alfavaca, orégano, entre outras) e às verduras propriamente ditas (rúcula, alface, couve, etc.). Estas fazem parte do que é comumente dito como “horta” que, geralmente, está mais próximo à casa.

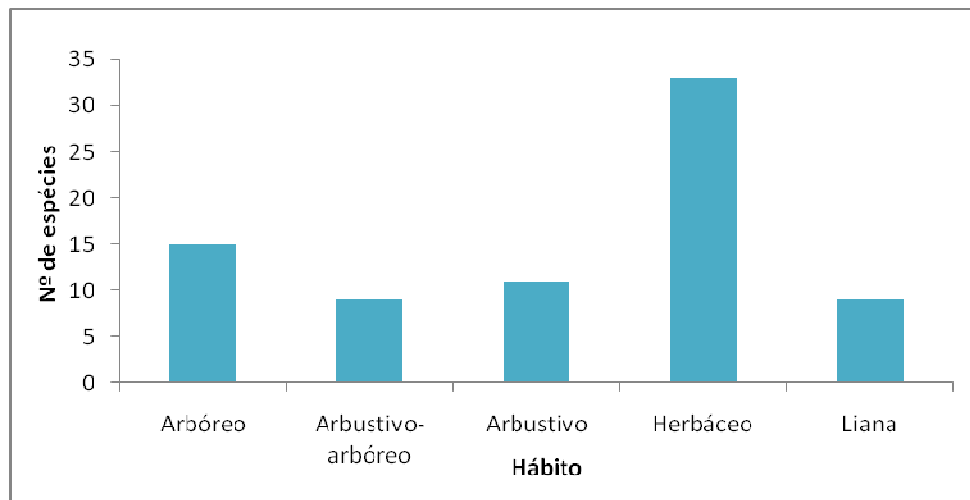


Figura 12: Hábitos ecológicos das espécies de plantas encontradas em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Em relação à origem das espécies, é comum observar a presença de espécies nativas em quintais das regiões tropicais úmidas e áridas, porém também é comum a presença de plantas exóticas ou introduzidas, muitas vezes até predominantes sobre as nativas (Kumar e Nair, 2004; Albuquerque *et al.*, 2005). Com relação às espécies introduzidas ou nativas, adotou-se a classificação utilizada por Peroni *et al.* (2007), obtendo como resultado 41 espécies introduzidas, 33 nativas e 2 espécies indefinidas (Figura 13).

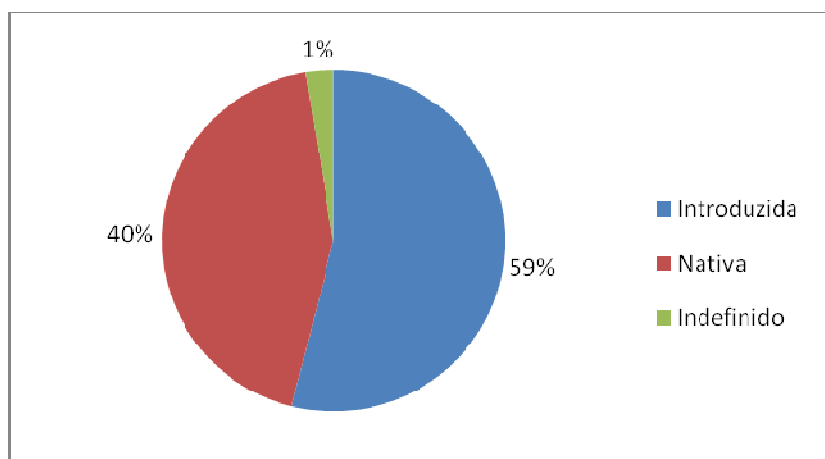


Figura 13: Espécies introduzidas e nativas presentes em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Nas comunidades estudadas por Peroni *et al.* (2007) encontrou-se um resultado parecido, com 66% de espécies introduzidas e 34% de espécies nativas; considerando-se como espécies exóticas todas aquelas introduzidas na América Neotropical após a chegada de Colombo em 1492 (Clement, 1999; Prance e Nesbitt, 2005).

A relação do quintal com a alimentação foi verificada através da pergunta sobre a importância do quintal e foi realizada em todas as casas, juntamente com o questionário sócio-econômico. Verificou-se que 08 pessoas consideram que os quintais têm grande valor na sua alimentação, 05 consideram que a importância é média, e 03 consideram-na pequena. Apesar de considerá-la pequena, um entrevistado disse achá-la muito importante, e apenas uma pessoa disse que o quintal não contribui em nada com sua alimentação. Essa pergunta relaciona-se com a quantidade de alimento que eles produzem no quintal. Observou-se que apesar de mais da metade dos entrevistados não relacionarem essa importância, há uma grande quantidade de plantas alimentícias em seus quintais. Supõe-se, assim, que os quintais têm grande relevância na reposição quando há falta de alguns alimentos. Outro detalhe é que as plantas utilizadas como temperos, em sua maioria, são retiradas dos quintais.

Outra relação interessante é a das mulheres com os quintais. Verificou-se que grande parte dos quintais estudados são cuidados por mulheres, cerca de 46% é cuidado apenas pela mulheres e 36% cuidado pelo casal, assim cerca de 82% dos quintais é manejado pelas mulheres. Somente as áreas mais longe das residências, como as roças, são

mantidas pelos homens. Essa relação é verificada em muitas pesquisas, como a feita por Florentino *et al.* (2007) na Caatinga pernambucana.

5.3. Listagem livre das plantas:

Na listagem livre, levou-se em consideração apenas o nome popular ou a etnovarietade das espécies, como também a ordem em que essas plantas foram citadas. As plantas que apresentaram maior frequência de citações nas listagens livres foram: vergamota, *Citrus reticulata* Blanco; salsa, *Petroselinum* sp.; chuchu, *Sechium edule* (Jacq.) Sw.; cebolinha, *Allium fistulosum* L.; e limão, *Citrus limonia* (L.) Osbeck (Figura 14). Os quintais estudados por Fox (1999) no interior de São Paulo apresentaram resultado semelhante em relação à frequência de plantas alimentícias, com mamão como principal espécie seguida por laranja cravo (*Citrus reticulata*) e poncã (*Citrus reticulata*).

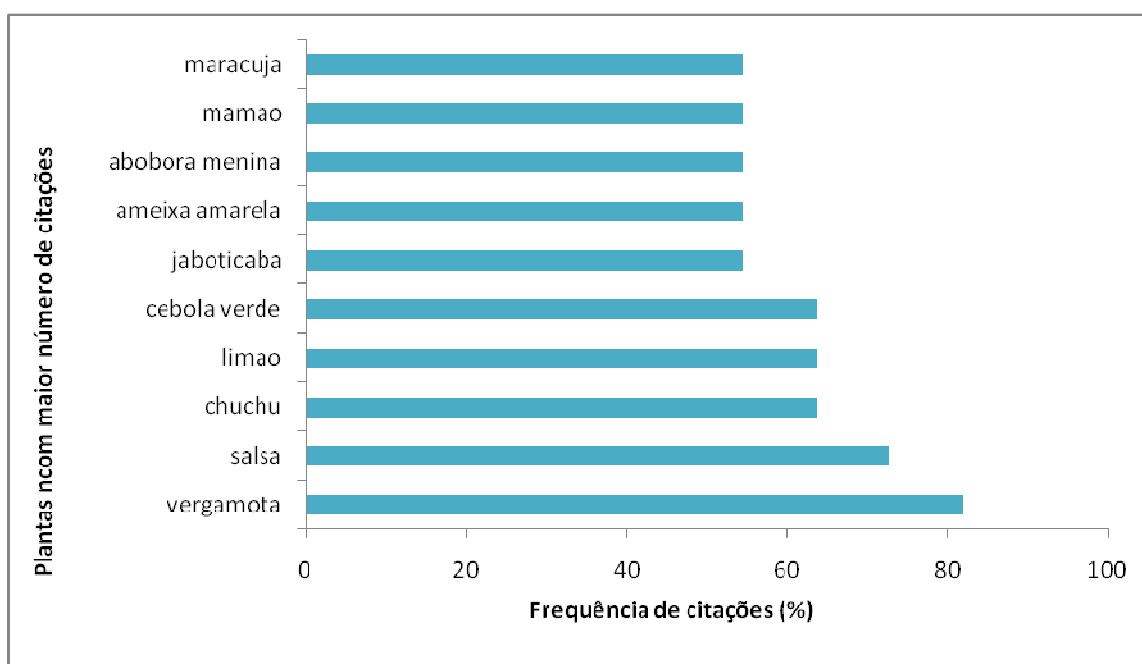


Figura 14: Plantas que apresentaram maior frequência em listagem livre (n = 11 entrevistas), Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Essas mesmas plantas foram ranqueadas com relação à ordem em que os entrevistados as citaram (Tabela 03). A média delas foi: vergamota, posição 12,22; salsa, 5,00; chuchu, 19,43; cebolinha na posição média de 5,57 e cebolinha, 17,86. É interessante

observar que apesar da frequência da salsinha e cebolinha não foram as maiores, elas ocupam melhores posições no ranking, isso se justifica por serem lembradas primeiro pelos entrevistados. Tal fato se deve por estas plantas estarem presentes na horta, ou por serem muito utilizadas, como condimento.

Tabela 03: Frequência e ranqueamento das plantas com maiores citações pelos entrevistados (n=11 entrevistas), Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Item	Frequência (%)	Ranking médio
Vergamota	81,8	12,22
Salsa	72,7	5,00
Chuchu	63,6	19,43
Limão	63,6	17,86
Cebolinha	63,6	5,57
Jaboticaba	54,5	14,00
Ameixa amarela	54,5	23,67
Abóbora menina	54,5	20,17
Mamão	54,5	15,50
Maracujá	54,5	19,50

Com relação às plantas nativas e introduzidas, as plantas introduzidas que apresentaram maior frequência foram vergamota, salsinha, cebolinha, limão e ameixa amarela. Já as nativas foram: chuchu, abóbora menina, mamão, maracujá e jaboticaba.

5.4. Plantas cultivadas e espontâneas:

A maioria das plantas presentes nos quintais do Sertão do Ribeirão, 87%, é cultivada e 13% é espontânea (Figura 15). Esse resultado foi relativamente diferente do apresentado por Fox (1999), em que apenas 3% das plantas são espontâneas. A autora sugere que esse valor tão baixo é devido à freqüente manutenção dos quintais. Já os quintais da Amazônia estudados por Padoch e de Jong (1991), apresentaram um valor mais próximo do estudo no Sertão, 14% das plantas não são cultivadas, ou seja, são espontâneas. Neste estudo, os autores afirmam que a proteção ou a seleção da vegetação que ocorre

espontaneamente é um aspecto importante das técnicas locais de manejo dos recursos.

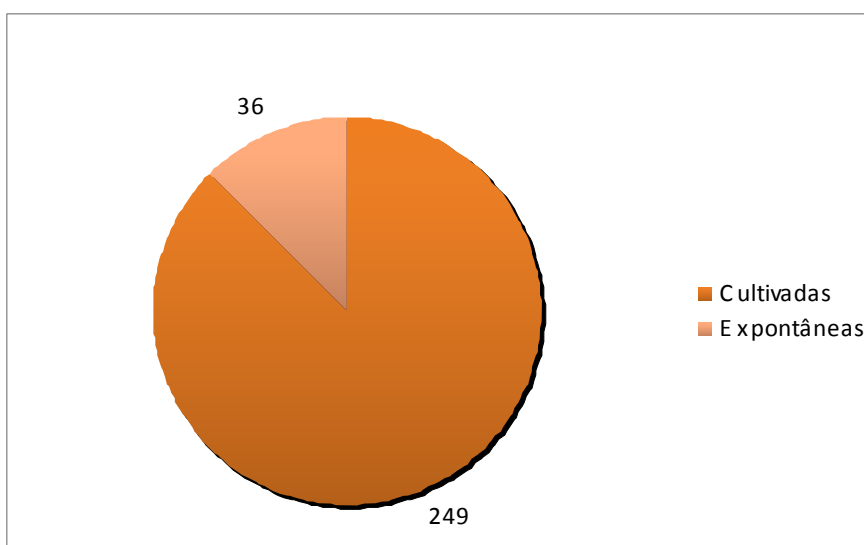


Figura 15: Total de plantas cultivadas e de nascimento espontâneo em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Esse resultado mais expressivo de plantas espontâneas no Sertão pode ser explicado pelo fato de que a maioria dessas plantas é nativa, como por exemplo, a goiaba (*Psidium guajava* L.), a pitanga (*Eugenia uniflora* L.) e o palmito (*Euterpe edulis* Mart.). Estas plantas são frutíferas, sendo atrativas principalmente para as crianças, como também por toda a comunidade. No caso do palmito, sua representatividade dá-se também pelo fato de ser uma planta protegida pela legislação ambiental. O palmito pode ser observado tanto presente nos quintais quanto em outras áreas de cultivo e nas encostas dos morros da comunidade, cobertos pela vegetação da Mata Atlântica. Além disso, as árvores frutíferas podem ser dispersadas por animais, principalmente aves, e, por isso, muitas vezes estão dentro das áreas dos quintais.

5.5. Forma de obtenção das plantas:

As plantas presentes nos quintais do Sertão do Ribeirão foram classificadas em ganhas, colhidas ou compradas (Figura 16). O resultado mais expressivo está relacionado as plantas colhidas no próprio quintal, com 49% do total, seguidas pelas ganhas, 34%, e em menor quantidade, 27%, pelas plantas compradas.

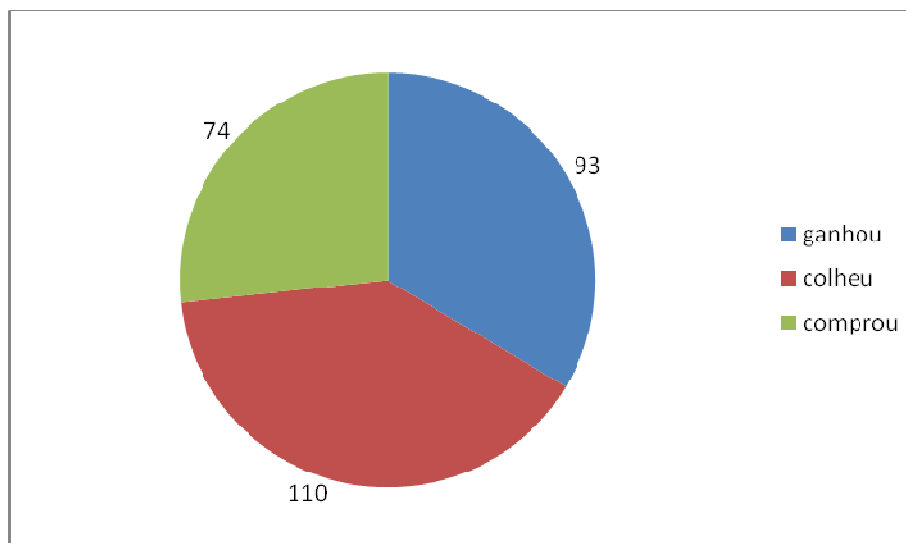


Figura 16: Plantas colhidas, ganhas e compradas em 11 quintais no Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/SC.

Grande parte das plantas ganhas vem dos próprios vizinhos ou de bairros próximos, como Ribeirão da Ilha, Armação do Pântano do Sul e Costa de Dentro. Poucas plantas foram ganhas de outras regiões ou municípios. No entanto, ainda há grande quantidade de plantas que são compradas, essas são plantas adquiridas geralmente em forma de sementes vendidas no comércio em saquinhos ou obtidas de frutas e de verduras compradas na feira.

5.6. Retorno de resultados:

A primeira forma de retorno de resultados que encontramos, foi divulgar o projeto sobre Plantas do Sertão para a comunidade. Isso se deu através de um estande do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (Figura 17 e Figura 18) que foi montado na Semana de Pesquisa e Extensão universitária (SEPEX) da UFSC, que ocorreu de 22 à 25 de Outubro de 2008. Foram expostas fotos do Sertão (moradores, cotidiano e plantas) e distribuídos *folders* sobre os projetos desenvolvidos na região.



Figura 17: Estande de divulgação do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica montado na VII SEPEX, UFSC, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Natalia Hanazaki, 25/10/2008).



Figura 18: Estande de divulgação do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica montado na VII SEPEX, UFSC, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Natalia Hanazaki, 25/10/2008).

Apesar de não ter uma resposta imediata, acredito que essa foi uma ótima forma de divulgação, afinal muitas pessoas não conheciam o Sertão do Ribeirão e com isso, passaram a saber da existência de um povoado tão próximo e ao mesmo tempo tão distante deles.

A próxima etapa realizada foi o evento “Peri em foco”, ocorrendo no dia 07 de Novembro de 2008 na sede do Parque Municipal da Lagoa do Peri (figura 19). Neste evento, a idéia era aproximar a população que vive no entorno do Parque Municipal da Lagoa do Peri das pesquisas que são desenvolvidas no local. Uma série de pesquisadores divulgou seus projetos através de mini-palestras que aconteceram durante todo o dia. Ao final da tarde, foi inaugurada uma exposição composta por materiais doados pelos pesquisadores à sede do Parque. Tais materiais variaram de pôsteres até jogos utilizados como ferramenta para Educação Ambiental.



Figura 19: Palestra de abertura do “Peri em Foco”, realizado no Parque Municipal da Lagoa do Peri, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Mel Simionato Marques, 07/11/2008).

Além da distribuição de *folders*, o projeto foi divulgado através de uma pequena palestra: “Pessoas e Plantas no Sertão do Ribeirão” (Figura 20). Uma exposição de fotos

foi organizada e doada para o Parque, com o fim de valorizar a *área de paisagem cultural* da Unidade de Conservação.



Figura 20: Palestra *Pessoas e Plantas no Sertão do Ribeirão*, realizada no “Peri em Foco”, realizado no Parque Municipal da Lagoa do Peri, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Natalia Hanazaki, 07/11/2008).

Por fim, foi organizada uma reunião na comunidade, entre no dia 07 de Dezembro de 2008 (Figura 21), onde se pôde conversar com a comunidade sobre os três projetos desenvolvidos no Sertão. A entrega da cartilha, com os resultados dos projetos será feita de casa em casa e esclarecendo as dúvidas dos moradores quando for necessário. Pretende-se dialogar com a comunidade sobre essas pesquisas e como elas podem colaborar com a situação dos moradores perante o enquadramento do Parque Municipal da Lagoa do Peri no SNUC.



Figura 21: Reunião organizada para divulgação dos projetos realizados na comunidade do Sertão do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina/ SC (Foto: Mariana Giraldi, 07/12/2008).

6. Considerações finais:

O conhecimento sobre plantas é importante, pois pode contribuir para o aumento da diversidade de espécies em um local. Os quintais no Sertão do Ribeirão representam um espaço onde os moradores podem cultivar algumas espécies, mantendo hábitos antigos, não prejudicando os ecossistemas naturais, e ainda mantendo a segurança alimentar.

É importante registrar que não há uma organização formal do quintal, isto é, o quintal não tem diferentes culturas separadas por áreas. Entretanto, é perceptível que há uma separação entre os tipos de cultivo com relação à proximidade da casa. Por exemplo, as verduras e as plantas usadas para condimento e verduras, compõem a horta, e estão sempre mais perto da casa. Já as plantas frutíferas que fazem parte do pomar estão mais afastadas da casa e misturadas entre elas, ou seja, “desorganizadas”. Em alguns casos, mais afastada ainda, está a roça. Observo que esta separação facilita o manejo das plantas e o cotidiano da família, simplificando o preparo de alguma comida. As plantas mais utilizadas estarão mais próximas à cozinha, enquanto que as plantas que podem ser comercializadas ficam mais afastadas, pois não são necessárias a todo o momento.

O atual modo de produção agrícola requer uma mudança para um modelo de produção agroecológica, menos agressiva ao meio ambiente. Neste processo, os quintais podem ser úteis como exemplos de uso sustentável dos recursos naturais, fundamentado no conhecimento e nas técnicas de manejo tradicionais (Kumar e Nair, 2004). Isto porque os quintais agregam uma grande variedade de plantas, nativas e exóticas, com distintos usos, como o uso alimentício.

Além disso, o fato das plantas produzidas no Sertão não estarem contaminadas com produtos químicos, como agrotóxicos, fertilizantes, herbicidas, entre outros, torna estes alimentos mais saudáveis do que os que são encontrados no comércio. No entanto, há uma grande dependência dos produtos comercializados para complementação alimentar das famílias, evidenciando o papel complementar dos quintais.

Há uma grande diversidade de plantas alimentícias, tanto de espécies quanto de variedades destas espécies. Apesar da grande diversidade presente nos quintais do Sertão, muitas famílias encontram-se desestimuladas a continuar a viver nessa localidade. O enquadramento do Parque Municipal da Lagoa do Peri ao Sistema Nacional de Unidades de

Conservação deixou muitos moradores temerosos com a possibilidade de serem desapropriados, alguns até mesmo já deixaram a comunidade.

Em geral, acredita-se que a atividade agrícola e a modificação de habitats têm efeitos negativos sobre a biodiversidade. No entanto, sistemas de uso múltiplo da terra, como os quintais, podem ser considerados alternativas capazes de conciliar produção agrícola sustentável e conservação de espécies nativas (Kumar e Nair, 2004). Segundo Albuquerque (1999), a etnobiologia pode contribuir para a conservação dos recursos e para o desenvolvimento sustentável, através da identificação de processos de uso sustentável de recursos naturais; desenvolvendo projetos para conservação da biodiversidade com base no conhecimento tradicional das populações locais; estudando modelos cognitivos e sistemas ecológicos de populações tradicionais. Assim, propõe-se como potencial deste trabalho, partindo de uma fundamentação etnobiológica, fornecer informações para embasar o enquadramento do Parque Municipal da Lagoa do Peri de um modo que não haja a desapropriação da população que habita o Sertão do Ribeirão.

7. Referências:

- Albrecht A. e Kandji S.T. 2003. Carbon sequestration in tropical agroforestry systems. **Agriculture Ecosystems & Environment**. v.99, p. 5–27.
- Albuquerque, U.P. 2002. **Introdução a etnobotânica**. Recife: Bagaço.
- Albuquerque, U.P. 1999. La importancia de los estudios etnobiológicos para establecimiento de estrategias de manejo y conservación en las florestas tropicales. **Biotemas**, Santa Catarina, v.12, n.1, p.31-47.
- Albuquerque, U. P.; Andrade, L. de H.C.; Caballero, J. 2005. Structure and Floristic of Homegardens in Northeast of Brazil. **Journal of Arid Environments**, v.62, p.491-506.
- Albuquerque, U.P.; Andrade, L. de H. C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.3, p.273-285.
- Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P. de; Alencar, N.L. 2008. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: Albuquerque U.P.; Lucena, R.F.P. de; Cunha, L.V.F.C. da (orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2ª ed. revisada, atualizada e ampliada. Recife: COMUNIGRAF; p.41-72.
- Alcorn, J.B. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: Schultes, R. E. & Reis, S. von (eds). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. London: Chapman & Hall, p. 3-39
- Alcorn, J.B. 1990. Indigenous agroforestry strategies meeting farmers' needs. In: Anderson A. B. (ed) **Alternatives to Deforestation: steps toward sustainable use of Amazon: rainforest**. Columbia University Press, New York.
- Amorozo, M.C.M. 2004a. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados etnobotânicos. In: **55o Congresso Nacional de Botânica, 2004, Viçosa**. Anais do 55o Congresso Nacional de Botânica e 26o Encontro Regional de Botânicos de MG, BA e ES.
- Amorozo, M.C.M. 2004b. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v.24, p.139-161.
- Assis, A.L.A. de A. 2007. **Os agricultores tradicionais do Sertão do Ribeirão (Florianópolis, SC) e a conservação de diversidade de mandioca (*Manihot esculenta***

- Crantz - Euphorbiaceae**). Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) Curso de Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 41p.
- Batista, K.R.. 2004. Sertão do Peri: um olhar etnográfico. **Percursos**. Revista do Centro de Ciências da Educação FAED - UDESC. Florianópolis, SC, v.5, n.2.
- Blanckaert I., Swennen R.L., Paredes Flores M., Rosas López R. e Lira Saade R. 2004. Floristic composition, plant uses and management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlán, Valley of Tehuacán, Mexico. **Journal of Arid Environments**. v.57, p.39–62.
- Borgatti. S.P.1996. **ANTHROPAC 4.0 User's Guide**, Natick, MA: Analytic Technologies.
- Brasil. 2002. **Decreto nº 4.339 de 22 de agosto de 2002**. [on line]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4339.htm>. Acessado em 31 de outubro de 2008.
- Brasil. 2000. **Lei Federal nº 9.985 de 18 de julho de 2000**. [on line]. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>>. Acessado em 20 de outubro de 2007.
- Brook, R.K., McLachlan, S.M. 2008. Trends and prospects for local knowledge in ecological and conservation research and monitoring. **Biodiversity and Conservation**. p.1-12. [No prelo].
- CDB. 1992. **Convenção da Diversidade Biológica**. Rio de Janeiro.
- Campos, M.D. 2002. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: In Amorozo, M. C. M.; Ming, L. C.; Silva, S. M. P. (orgs.). **Método de coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas - I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste**. Rio Claro, p.47-92.
- Caruso, R.C. e Caruso, M.M.L. 1997. **Vida e cultura açoriana em Santa Catarina**. Florianópolis: Cultura Catarinense, 118p.
- Clement, C., 1999. 1492 and the loss of Amazonian crop genetic resources. I. The relation between domestication and human population decline. **Economic Botany**. v.53, p.188-202.
- Colwell, R.K. 2006. **EstimateS: Statistical estimation of species richness and shared species from samples**. Version 8. persistent URL <purl.oclc.org/estimates>
- CONAGE – Consultoria Técnica. 1999. Planta Batimétrica, cálculo do volume de água e

- área da Lagoa do Peri. In: **Diagnóstico Ambiental visando um programa de monitoramento da Lagoa do Peri**. NEMAR/UFSC.
- Diegues, A.C.S. e Arruda, R. S. V. (orgs.). 2001. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.
- Esteves, F. A. 1998. **Fundamentos de Limnologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência: FINEP, 602p.
- Fernandes, E.C.M.; Nair, P.K.R. 1986. An evaluation of the structure and functions of tropical homegardens. **Agricultural Systems**. v.21, p. 279–310.
- Florentino, A.T.N.; Araújo, E.L.; Albuquerque, U.P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.21, p.37-46.
- Florianópolis. 1981. **Lei Municipal, nº 1.828 de 03 de dezembro de 1981**. [on line]. Disponível em: <http://www.cmf.sc.gov.br/lei_81.htm>. Acessado em 20 de outubro de 2007.
- Florianópolis. 1976. **Decreto, nº 1.408 de 04 de junho de 1976**. [on line]. Disponível em: <<http://www.celesc.com.br/uca/02-UC-07-a.htm>>. Acessado em 07 de outubro de 2008.
- Fox, V.C. 1999. **Diversidade e uso de plantas nos quintais de Ferraz, município de Rio Claro – SP**. Monografia (Graduação em Ecologia) Curso de Graduação, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 64p.
- Gadgil, M.; Berkes, F.; Folke, C. 1993. Indigenous Knowledge for Biodiversity Conservation. **Ambio**, v.22, p.119-123.
- Hanazaki, N.; Gomes, M.B.; Giraldo, M.; Moura, E.A.; Gabdolfo, E.S. 2008. Conservação biológica e valorização sócio-cultural: explorando algumas conexões entre a biodiversidade e a sociodiversidade. In: Noda, S.R. *et al.* **Anais do II Encontro de Etnobiologia e etnoecologia da região Norte e II Seminário de Ciências do Ambiente na Amazônia**. [No prelo].
- Hanazaki, N. 2004. Etnobotânica. In: Begossi, A. (ed.) **Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, p.37-57.
- Harshberger, John W. 1896. Purposes of ethnobotany. **Botanical Gazette**. v.21, n.3, p. 146-154.
- Krebs, C. 1989. **Ecological Methodology**. New York: Harper & Row Publishers, 654p.

- Kumar, B.M. 2006a. Agroforestry: The New Old Paradigm for Asian food security. **Journal of Tropical Agriculture**. v.44, n.1–2, p.1–14.
- Kumar, B.M. 2006b. Carbon sequestration potential of tropical homegardens. In: Kumar, B.M. e Nair, P.K.R. (eds). **Tropical Homegardens: A Time-Tested Example of Sustainable Agroforestry**. Springer Science, Dordrecht, The Netherlands, p.185–204.
- Kumar, B.M.; Nair, P.K.P. 2004. The enigma of tropical homengardens. **Agroforestry Systems**, v.61, p.135-152.
- Lamont, S.R.; Eshbaugh, W.H.; Greenberg, A.M. 1999. Species composition, diversity, and use of homegardens among three Amazonian villages. **Economic Botany**, v.53, n.3, p.312-326.
- Nair, C.T.S. e Krishnankutty, C.N. 1984. Socio-economic factors influencing farm forestry: a case study of tree cropping in the homesteads in Kerala, India. In: **Community forestry: socio-economic aspects**. Bangkok, FAO/East-West Center.
- Padoch C.; de Jong W. 1991. The housegardens of Santa Rosa: diversity and variability in an Amazonian agricultural system. **Economic Botany**, v.45, p.166–175.
- Pereira, M.A. 2001. **Diagnóstico físico e socioambiental do Parque Municipal da Lagoa do Peri, subsídios ao plano de manejo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Curso de Pós-graduação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 243p.
- Peroni, N.; Begossi, A.; Zuchiwschi, E.; Hanazaki, N. 2007. Homegardens in Santa Catarina Island, Brazil: conservation of agrobiodiversity in an urban-rural context. **Agroforestry systems** (submetido).
- Plotkin, M.J. 1997. A perspectiva para novos produtos agrícolas e industriais dos trópicos. In: Wilson, E. O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.137-150.
- Prance, G.T.; Baleé, W.; Boom, B.M.; Carneiro, R.L. 1987. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazonia. **Conservation Biology**, v.1, p.296-310.
- Prance, G., Nesbitt, M., 2005. **The cultural history of plants**. Routledge, New York.
- Robinson, M.H. 1997. Existem alternativas à destruição? In: Wilson, E. O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.455-461.
- Salgado, G. 2002. **Integração do sensoriamento remoto e sistema de informações geográficas para análise temporal do uso da terra: Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis - SC**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) Curso de Pós-

- graduação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 102p.
- Silva, A.A.S. 2000. **Parque Municipal da Lagoa do Peri: Subsídios para o gerenciamento ambiental.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Curso de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 130p.
- Simonassi, J.C. 2001. **Caracterização da Lagoa do Peri através de análise de parâmetros físico-químicos e biológicos como subsídios ao gerenciamento dos recursos hídricos da Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Curso de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 72p.
- Soemarwoto, M.T. 1987. Homegardens: a traditional agroforestry system with a promising future. In: Steppeler, H.A., Nair, P.K.R. (eds.). **Agroforestry: a decade of development.** Nairobi, Kenya: International Center for Research in Agroforestry (ICRAF).
- Teive, L.F.; Lisboa, L.K., Petrucio, M.M. 2008. Uma revisão da disponibilidade de dados ecológicos visando o direcionamento de novas pesquisas na Lagoa do Peri. **Biotemas**, v.21, n.2, p.133-143.
- Toledo, V.M., Batis, A.I., Becerra, R., Martinez, E., Ramos, C.H. 1995. La selva util: Etnobotánica cuantitativa de los grupos indígenas Del trópico húmedo de México. **Interciencia**. v.20, p.177-187.
- Valadão, L.M.; Amorozo, M.C.M; Mottam D.G. 2006. Produção de Alimentos na Unidade Domiciliar, Dieta e Estado Nutricional: A Contribuição dos Quintais em um Assentamento Rural no Estado de São Paulo. In:Albuquerque, U.P.; Almeida, C.F.C.B.R. (org.) **Tópicos em conservação e etnobotânica de plantas alimentícias.** Recife: NUPEEA, p.93-118.
- Vogl, C.R.; Vogl-Lukasser, B.; Puri, R.K. 2004. Tools and methods for data collection in ethnobotanical studies of homegardens. **Field Methods**, v.16, p.285–306.
- Williams, J.T. 1997. Identificação e proteção das origens de nossas plantas. In: Wilson, E. O. **Biodiversidade.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.303-12.
- Winklerprins, A.M.G.A., 2002. Seasonal floodplain-upland migration along the lower Amazon river. **The Geographical Review**. v.92, p.415-431.

Anexos

Anexo A

Termo de consentimento prévio e esclarecido.

Somos Ana Luiza Arraes de Alencar Assis e Victoria Duarte Lacerda, estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, aqui em Florianópolis, e estamos desenvolvendo um trabalho sobre o uso de plantas em quintais e sobre o cultivo de aipim (mandioca) aqui na comunidade.

Os nomes dos trabalhos desenvolvidos são:

“Os agricultores tradicionais do Sertão do Peri (Florianópolis - SC) e a conservação de diversidade de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz - Euphorbiaceae)”, e

“Importância de quintais rurais na Ilha de Santa Catarina para manutenção da biodiversidade – um enfoque etnobotânico”. A etnobotânica é uma área de pesquisa onde se estuda o conhecimento popular sobre o uso de plantas.

Além de nós, as outras pessoas que participam do trabalho são os professores Natalia Hanazaki e Nivaldo Peroni.

O que queremos com este trabalho é conhecer o que vocês cultivam e sabem sobre as plantas cultivadas e como as usam. Algumas amostras de plantas poderão ser coletadas (folhas e frutos) e levadas para o laboratório, para serem identificadas. Mas para que este trabalho possa ser realizado e possamos conhecer as plantas, gostaríamos de pedir autorização para visitá-lo(a), conversar sobre os usos e para coletar algumas plantas em seu quintal ou roça, assim como tirar algumas fotos da plantas e de vocês. A qualquer hora o senhor ou a senhora pode parar nossa conversa ou desistir de participar do trabalho, sem trazer nenhum prejuízo. É importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro e que os resultados da pesquisa serão passados a vocês e só serão usados para comunicar outros pesquisadores e revistas relacionadas à universidade.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso telefone e endereço são: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas / Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade, CEP 88010-970 / Telefone: 3721-9460.

Entrevistado: Depois de saber sobre o que a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Entrevistado

Entrevistador

Município, Localidade e data

Anexo B

Questionário Sócio-econômico

INFORMANTE

Nome do entrevistador: _____	Data: _____	
Número da casa: _____	Bairro: _____	Número da entrevista _____
1. Nome: _____	2. Sexo: _____	3. Idade: _____
4. Estado civil: _____	5. Nº de filhos: _____	6. Número de residentes: _____
7. Local de nascimento: _____		
8. Tempo de residência no local: _____		
9. Residência/ Sítio: a) própria b) alugada c) outros: _____		
10. Principal fonte de renda: _____		

1) Qual a renda mensal da família em reais ou em salários mínimos?

- até 1 4 a 6 10 a 15 >20
 2 a 3 7 a 9 16 a 20

2) Recebem algum benefício do governo federal, governo estadual ou da prefeitura?

- Bolsa Família Bolsa Escola Vale Gás Outro _____

3) O quintal já foi

- a) maior que é atualmente?
b) menor que é atualmente?

4) Por que planta? (o que motiva a plantar no quintal)?

- consumo familiar
 comércio
 lazer
 outro: _____

5) a) Quem cuida do quintal?

b) Quanto tempo gasta?

6) Qual a importância do quintal para alimentação diária?

- a) grande b) média c) pequena d) nenhum

7) Além do quintal o senhor(a) cultivava alguma roça?

- não sim – Quantas roças e de que?

Anexo D:

Folder.

Anexo E:

Cartilha.

Anexo F:

Ilustrações das espécies mais representativas.



Legenda: Da esquerda para direita, de cima para baixo, *Citrus sinensis* (Fonte: http://www.bomengids.nl/zomer2004/pics/Sinaasappel__Citrus_sinensis__Orangeimg_676.jpg), *Musa* sp. (Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/archive/4/46/20050509073155!Musa-sp3.1.jpg>), *Citrus reticulata* (Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b0/OrangeBloss_wb.jpg/240px-OrangeBloss_wb.jpg), *Psidium guajava* (Fonte: <http://www.plantcare.com/oldSite/httpdocs/images/namedImages/Guava.jpg>), *Petroselinum* sp. (Fonte: http://farm4.static.flickr.com/3285/2730527902_6af1b334d5.jpg)